

**ípsilon**



**Cinema**  
O festival  
da *rentrée*  
**Valter Hugo Mãe**  
Na Islândia,  
perto de Deus

# J. D. Salinger

**Uma biografia  
para não resolver  
o mistério**

# Quando a Islândia pensa

**Q**uando Valter Hugo Mãe comeu um pêssego pela primeira vez já era adulto. Em pequeno achava que os meninos mortos eram sementes plantadas na terra que faziam nascer pessegueiros, porque os pêssegos tinham pele – e por isso não os comia. É que quando o escritor nasceu em Saurimo, Angola, em 1971, o seu irmão Casimiro já tinha morrido, com apenas um ano. E Valter passou a infância a imaginar aquele irmão que nunca conheceu à sua imagem.

Quando decidiu que ia escrever um romance sobre a Islândia, já sabia que ia escrever sobre uma menina e que ela seria a narradora. Só mais tarde percebeu que a sua Halla tinha uma irmã gémea já morta, Sigridur. Foi então que *A Desumanização*, o primeiro romance de Valter Hugo Mãe na Porto Editora, e que chega hoje às livrarias, começou a convocar a infância do próprio escritor.

“Este livro pensa na morte a partir da infância. Talvez isso venha da minha própria infância, porque foi sempre evidente para mim a presença da morte. E isso levantou-me um dilema: de que forma é que eu ia voltar a deixar que um livro trouxesse alguma coisa que me é pessoal? Tinha decidido, depois de escrever *O Filho de Mil Homens*, que este segundo livro dedicado à infância não coincidiria comigo. Então percebi que isto está tudo tão ligado, a Islândia não é se não um deslumbre meu. Não conheço ninguém que lá tenha ido e não venha maravilhado, mas posso conceber que se vá e que não se venha maravilhado”, conta ao Ípsilon, num hotel de Lisboa.

O escritor pretendia fazer uma trilogia dedicada à questão da infância, mas talvez essa ideia não se manteve. “Achava que talvez fizesse um terceiro livro em que a questão da infância fosse vista pelo adulto. Ficam o menino, do primeiro, e a menina, deste. *O Filho de Mil Homens* leva-nos para uma espécie de fantasia, de sonho, para uma história de gente encantada, e *A Desumanização* é uma história de gente desencantada. Sinto que seria uma redundância voltar a pegar na infância. E por isso já estou a pensar que vou para Angola!”

Andará por aí o seu próximo livro, que já começou a escrever. “Quero muito falar sobre a relação com Angola. Quero muito perceber o que é que sobra em mim de angolano. Distanciando-me da agura da desumanização, quero recuperar o meu lado mais irónico. Percebi que tinha muito mais memórias do que podia imaginar. O romance não é sobre o retorno, será num tempo anterior, antes do 25 de Abril.”

Pela primeira vez, escolheu para um romance um título de uma só palavra. “É uma palavra forte, *A Desumanização*, não vem na esteira

dos títulos que costumo fazer. Quando se todo o tempo o livro chamou-se *A criança plantada*. É um título que me agrada, mas levanta uma certa poeticidade e eu queria que o livro assumisse com alguma honestidade a sua maior aspereza. Quando me ocorreu a expressão *A Desumanização* achei que explicava muito bem o que acontece no processo de amadurecimento da menina, porque ela acaba por descobrir – e talvez se ande a descobrir isso também –, que sermos gente nos obriga a ser menos gente também. A nossa subsistência como gente implica que não sejamos gente de mais. A desumanização não só é necessária como é inevitável.”

O novo romance é dedicado ao músico e compositor Hilmar Örn Hilmarsson, mentor de músicos como Björk, Sigur Rós e Psychic TV, e também um dos membros da Ásatrú Association, uma organização religiosa baseada no neopaganismo germânico-islandês, e personagem do novo projecto do realizador Miguel Gonçalves Mendes, o documentário *O Sentido da Vida*, em que Valter Hugo Mãe é um dos retratados. O amor pela Islândia, explica o escritor, veio-lhe primeiro da música. Por culpa da “deusa” Björk, criou uma ideia encantada da Islândia: “Como se as pessoas fossem elfos e vivessem dentro de florzinhas.” Por causa dos videoclips, ficcionou imenso mas, diz, efectivamente aquele espaço inventa muita coisa. “Tudo tem dimensões tão disparatadas e bíblicas que a nossa expectativa de que aquilo seja uma terra de fantasia acaba por se cumprir.”

Ao longo do livro também surgem referências às sagas, a mestres da pintura e à música erudita que faz parte do quotidiano de qualquer criança islandesa. “Mas era muito importante para mim que as referências entrassem no romance sem o tique do turista. O Rui Zink diz uma frase muito engraçada: é importante não se confundir turismo com emigração.”

## Longínquos

*A Desumanização* escreveu-se em vários países. Na Islândia desde logo, pois “é uma declaração de amor esquisita, mas é a mais sincera declaração de amor aos fiordes do Oeste islandês”. Mas também na Ucrânia, que Valter Hugo Mãe sempre quis conhecer por ter escrito *O Apocalipse dos Trabalhadores* – que tem personagens ucranianas – sem nunca lá ter ido. “Quería muito ir ver aquele país, mas já estava à espera que fosse terrível e é. É muito bonito, muito organizado, muito regrado, muito limpo, mas parece que estão todos a segurar o estômago com as mãos”, conta. “Escrevi mas fiquei de cama com uma gastroenterite. Não percebia os medicamentos e as

pessoas não falam inglês. Quando saí da Ucrânia para a Croácia ia desesperado. Precisava muito de chegar a um país onde se falasse inglês e tivesse a percepção de que me entendiam. Voei para Veneza e mesmo antes de tomar os medicamentos comecei logo a sentir-me bem. Só a descontração de estar num lugar onde as pessoas me poderiam entender... Quando entrei na Croácia, fui primeiro pela costa, pelas praias, e aí recomencei a escrever.”

Continuou a escrever em Portugal, no México, no Brasil e em Angola. Estar nestes lugares e anotar nem que fosse uma frase que depois entrasse no livro adquiriu para o escritor uma grande simbologia. “As pessoas em Angola são o oposto das pessoas na Islândia. Em Angola antes de saberem o nosso nome já são nossos amigos. Na Islândia, depois de apresentados todos os atestados médicos, ainda vão decidir lentamente se conversam connosco e se nos dão algum tipo de confiança. Os islande-

Valter Hugo Mãe tinha decidido escrever uma trilogia sobre a infância, mas talvez fique por aqui. O novo romance, *A Desumanização*, declaração de amor à Islândia, é o lado negro de *O Filho de Mil Homens*. O escritor quer agora perceber o que sobra em si de angolano e voltar ao seu lado irónico.





ses são funcionalmente disponíveis mas pessoalmente longínquos.”

Nas viagens que o escritor português fez pelos fiordes da Islândia, por serem lugares tão recônditos e as pessoas estarem tão pouco habituadas a receber forasteiros, foi frequente acontecer-lhe dizer “boa tarde” e as pessoas responderem-lhe ao cumprimento e não conseguirem avançar com rigorosamente mais nada. Ou perguntar “o que é que leva o hambúrguer” e responderem-lhe simplesmente: “é um hambúrguer”. Até que, num café de Sudureyri, conheceu uma rapariga, a quem agradece na nota no final do romance por ter sido “transparente como a água”. Valtter Hugo Mãe entrou no café para comer o tal hambúrguer e perguntou à empregada que o serviu se não tinha medo de estar ali a trabalhar até tão tarde. A reacção da rapariga foi uma das coisas que mais o ajudaram para o livro: ela não percebeu o que era ter medo. “Ali o medo não advém da

hora, não tem nada que ver com a noite, não tem nada que ver com as pessoas. Quando lhe perguntei, por exemplo, o que acontece em Sudureyri quando é Inverno, as estradas estão bloqueadas e não se pode sair nem se pode entrar – estamos a falar de um lugar com 100 pessoas –, o que acontece se alguém rouba alguma coisa, ela perguntou-me três vezes: ‘Como assim roubar? Mas porquê roubar alguma coisa?’ Não conseguia conceber o crime. “Mas nunca ninguém cometeu um crime aqui?”, insistiu Valtter. A rapariga começou-se a rir. “Não! Isto é muito pequeno e nunca ouvi falar de alguém ter sido roubado. Nunca morreu aqui ninguém assassinado, nunca ninguém fez mal a alguém daqui.” O escritor percebeu então que para os habitantes daquela região só “monstros marinhos e figuras e entidades desconhecidas não catalogadas” podem fazer mal. As pessoas, as coisas comuns ou normais não são assustadoras. “A rapariga aca-

bou por conversar comigo um bom tempo e foi muito esclarecedora. Aquilo que eu precisaria de sentir acerca de um habitante dos fiordes acabou por ser ela a mostrar-me com a sua espontaneidade.”

### Ver fantasmas

Tudo neste romance nos leva para um certo desespero e para a proximidade da morte. “É estranha uma homenagem assim, por isso me defendi dizendo que é uma declaração de amor esquisita, mas inequivocamente uma declaração de amor”, rebate o escritor, acrescentando que “o deslumbre do lugar” nunca o fez esquecer – e talvez seja isso que o deslumbra – “a sua perigosidade, a iminência da catástrofe, do fogo, do vulcão, da decisão da natureza”. A dada altura do livro, o pai diz à filha: “Não te aproximes demasiado das águas, podem ter braços que te puxem para que morras afogada. Não subas demasiado alto, podem vir pés no vento que te queiram fazer

cair (...). Não te enganes com toda a neve, podem ser ursos deitados à espera de comer. Tudo na Islândia pensa. Sem pensar, nada tem provimento aqui.”

Para Valtter, isto é muito concreto, sobretudo quando se sai de Reiquejavique, a capital, e se viaja pelo espaço mais agreste em que a estrada fica completamente subjugada pelo tremendo da paisagem. “Quando chegamos aos fiordes, temos a sensação de que tudo nos vê e que somos insignificantes no meio daquela inteligência. É aquilo há-de ser de uma inteligência tal que, mais tarde ou mais cedo, pode decidir virar-se do avesso, como a Halla diz no livro. Aquela natureza inspira-me medo e respeito.” Em outros dos seus livros, o autor já falou da percepção da perda, da morte, da maternidade vista de outras perspectivas. Mas em *A Desumanização* quis que o espaço aparecesse como personagem, quis permitir que de alguma forma a Islândia, e especificamente os fiordes, fosse o tema, mais do que as desventuras da miúda. “Que ela pudesse ir procurando provas da sua concordância ou não com aquilo que o pai lhe ia dizendo e que parece tão ilusório, da poesia, da palavra, dos lugares sem nome. Enfim, quando o pai lhe diz que apenas o que tem nome comparece nos mapas de Deus, até lá é um lugar ermo sem importância alguma. Toda esta construção que acaba por estar mais perto da filosofia interessou-me muito mais do que a construção de uma história. Por isso a história é sobretudo o que se pensa. Por isso é que até a Islândia pensa. Talvez seja uma tentativa de colocar o lugar a pensar.”

As pessoas de Bildudalur, onde se passa o romance, são as que, na Islândia, mais juram ter visto monstros marinhos. “Há uma opulência da natureza que nos parece só uma coisa boa, mas ao mesmo tempo é muito agreste, muito vazia: as plantas não crescem mais do que um palmo, não há árvores, praticamente nada floresce. A mim inspira-me medo. Acho que as pessoas vivem ali a prazo, vivem ali absurdamente, aquilo não foi inventado para viver ali alguém. É recôndito demasiado. As montanhas funcionam como barreiras que deviam ser suficientes para demover a vontade de ali ficar, por isso quem ali fica tem mesmo de ver fantasmas, não pode ser de outra maneira.”

Quem não fica no mesmo lugar é Valtter Hugo Mãe. Depois de dois dias de entrevistas, estava de novo de partida. Brasil, Moçambique, Egito, Uruguai e vários países da Europa. Até ao final de 2013, o escritor que vai fazer 42 anos em breve falará dos seus livros em mais de 12 países.

**“A nossa subsistência como gente implica que não sejamos gente de mais. A desumanização não só é necessária como é inevitável”  
Valter Hugo Mãe**

**Valter Hugo Mãe escreveu o seu novo romance na Islândia, mas também na Ucrânia, em Angola, no México, no Brasil, em Portugal**